

A FICHA DE DADOS E SUA UTILIZAÇÃO NOS ESTUDOS DE IDENTIFICAÇÃO DA TERRA INDÍGENA YANOMAMI; SUGESTÕES E OBSERVAÇÕES SOBRE SUA APLICAÇÃO COM BASE EM TRABALHOS ANTROPOLÓGICOS PRÉVIOS E NA EXPERIÊNCIA DE SUA EXECUÇÃO .

A "Ficha de Dados" (FD) é dividida em 10 itens que, em função dos objetivos propostos, demarcação da Terra Yanomami, é passível de algumas sugestões para uma melhor adaptação ao trabalho prático e seu objetivo final.

Tendo em vista o fato de a FD ser definitivamente o instrumento de organização de dados, encaminhada aos membros da Equipe Interministerial já com uma forma pronta para aplicação, preocupa-mo-nos aqui em adaptá-la, segundo os mesmos itens propostos, de forma que sejam incorporados aspectos significativos com que a Antropologia pode contribuir, não contemplados ou incorretamente utilizados na sua forma inicial. Aperfeiçoamentos ao longo do trabalho poderão surgir, e mesmo adaptações específicas, em função da situação de contato vivida por cada grupo local. Considerando-se o pouco tempo disponível para coleta de tantos dados, pretende-se aqui tornar a ficha menos suscetível de grandes erros.

Assim, passemos à sua análise item por item.

1) LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

a) Plotagem em carta da localização da aldeias...

Sem maiores dificuldades, este item refere-se à interligação espacial tão somente, não devendo ser confundido com interligação social. A questão aos informantes pode ser direcionada para "Qual a aldeia (maloca) mais próxima?"

b) Área Física, estimada, ocupada pelas aldeias

A precisão dos termos aqui é fundamental, para não se cometer grandes erros, e a indefinição da questão acima propicia isso.

O que é possível estimar numa visita de 2 horas no máximo? A área da Maloca é talvez, com dúvidas, a área da roça. Ressalte-se todavia, que roças antigas podem estar à distância, serem ainda utilizadas e não serem mencionadas pelos próprios índios ou visualizadas no sobrevôo. Assim, é necessário recorrer-se a estudos prévios para o estabelecimento de um índice mais exato: para uma aldeia localizada num ponto x (o que pode significar que em 5 anos estará em outro ponto) são necessários 900 m²/pessoa para roça, no mínimo.

Porém uma aldeia não utiliza a sua área só para roça: ela caça, pesca, coleta e em alguns lugares também garimpa. Estudos antro

pológicos (cf. ALBERT, Bruce, Ecologia, Território e Contato na Amazônia Indígena.1987) indicam que para caça, pesca e coleta é necessária uma área que atinja a densidade demográfica de 0,13 Habitantes/Km². Por exemplo, uma maloca com 84 pessoas tem necessidade mínima de 640 km², num período que vai de 3 a 5 anos.

A introdução do garimpo na vida rotineira de alguns locais torna essa questão ainda mais complexa. Quando a área de garimpagem é próxima à maloca, sua utilização a inviabiliza para as outras atividades de subsistência pois a terra é remexida e exaurida, a caça é espantada, os rios são afetados, criando até certa insalubridade.

De outro lado, quando a área de garimpagem é distante, uma área maior é necessária, o que significa "ocupação efetiva" de um território ainda maior do que o necessário anteriormente, isto é, aquele de 0,13 habitantes por Km². Por exemplo, em Maturacá os Yanomami garimpam há cerca de 4 anos, e esta é uma prática hoje indispensável a sua vida comunitária e suas necessidades. Algumas equipes Yanomami de garimpagem chegam a caminhar 1 semana pela mata e serra às vezes com suas famílias para alcançar seu ponto de garimpagem, em áreas que definitivamente estão incorporadas à sua vida.

Em resumo, esta questão deve levar em conta:

1) A necessidade de rotatividade das roças e das regiões de caça para sua recuperação;

2) A tradição semi-nômade que leva a migrações a cada 3 ou 5 anos;

3) A segmentação (separação) de malocas quando atinge populações elevadas;

4) Os deslocamentos (migrações temporárias) às vezes de até 150 Km para cumprirem obrigações políticas e sócio-culturais;

5) A introdução da garimpagem como alternativa e necessidade de produção para ~~trocas~~ que torna mais real e ampla a ocupação efetiva de terras distantes da maloca (caso de Maturacá, por exemplo);

6) Com mais recursos, especialmente de saúde, como pretende o Projeto Calha Norte, a população Yanomami deve aumentar mais rapidamente (por ex. a queda da mortalidade infantil que hoje é alta); isso provocará mais segmentações, criando-se pois mais aldeias, e necessitando-se a médio e longo prazo mais terras.

7) A necessidade de salvaguardar áreas intersticiais entre aquelas ocupadas por aldeias ou conjuntos de comunidades diferentes, de forma a não se sobreporem suas regiões de ocupação.

c) Plotagem em carta da localização das áreas para onde migram as comunidades

Este item está articulado ao 1-b e pode-se subdividi-lo em Migrações Permanentes e Migrações Temporárias.

As migrações Permanentes podem ser identificadas no questionamento direto, ou então, coletando-se dados, por exemplo, sobre local e data de nascimento das pessoas.

As migrações Temporárias, freqüentes entre os Yanomami, podem estar relacionadas a uma grande quantidade de eventos. É comum encontrarem-se malocas vazias em função de: comparecimento a festas em malocas distantes, temor de algum mal temporário (p.ex. a própria chegada da equipe de identificação em seus helicópteros, ou alguma epidemia) ou permanente, saída para longas caçadas, ou para garimpagem, etc. A identificação de algumas áreas ou malocas distantes, para onde a comunidade ou parte dela migra temporariamente pode ser feita por exemplo, perguntando-se para onde vão as trilhas que saem das diferentes portas de uma maloca (quando há mais de uma porta, evidentemente) e quanto tempo leva até lá. A distância pode ser marcada pelo tempo de caminhada, rápida quando só homens, lenta quando mulheres e crianças acompanham. De outro lado, a plotagem correta das malocas pode indicar a distância em linha reta.

d) Comunicação existente entre as aldeias (meios naturais)

Ítem importante para demonstração da articulação entre aldeias. Aí podem aparecer rios e picadas, para onde levam e quanto tempo de viagem.

e) Plotagem das áreas de cemitério e Sítios Sagrados

Na tradição Yanomami, os mortos são cremados e o pó de seus ossos é, via de regra, ingerido em rituais mortuários. Toda via, é possível que em algumas áreas de maior contato e influência religiosa especialmente (caso de Maturacá com os Salesianos) os mortos sejam enterrados nas proximidades da Maloca.

2) DISCRIMINAÇÃO DETALHADA DA POPULAÇÃO INDÍGENA

a) O quadro solicitado é preenchido posteriormente, com base na Ficha Familiar (FAFI) que os pesquisadores usam em campo. Cabe observar, todavia, que essa **Ficha Familiar** é extremamente limitada pois reproduz o padrão ideal de parentesco da sociedade ocidental. Não tem, portanto, capacidade para registrar corretamente, situações de poliandria, Poligínia, agregados, famílias extensa, etc. numa mesma unidade doméstica. O melhor, nesse caso é abandoná-la e construir diagramas genealógicos tomando como referências as fogueiras e as redes que as contornam.

A "discriminação" permitirá posteriormente a construção de pirâmides demográficas.

b) Precisar novamente

Grupo Étnico: Yanomami

Grupo Local (ou Comunidade): Exemplo: SHĪHŌTHERI (o sufixo THERI quer dizer "habitante de" algum lugar conhecido por alguma referência espacial. No exemplo, SHĪHŌTHERI são os habitantes de uma

f) Integração entre Índios

Este item pode ser levantado pela articulação entre diferentes malocas. As informações podem ser alcançadas através do questionamento direto, mas muitas vezes isso não é possível. Estudos antropológicos anteriores indicam que essa integração entre aldeias pode se estender a até 150 Km de distância, para plena realização de alianças sócio-culturais. Um estudo mais demorado indicaria, por ex., que muitos dos homens e mulheres que se identificam como membros da sua atual maloca, são originários de regiões bastante distantes.

Deve-se observar igualmente que eventuais "guerras" entre malocas próximas ou distantes não significa simplesmente "falta de integração"; pelo contrário, a "guerra" deve ser interpretada exatamente como o momento histórico vivido por aqueles grupos no seu processo de integração.

3 e 4) AVALIAÇÃO DO TRABALHO MISSIONÁRIO E DA FUNAI

Sem maiores problemas para levantamento. Deve-se observar todavia, quem responde e quem intermedia (intérprete) a resposta, para maior exatidão.

5) EXISTÊNCIA DE GARIMPOS

É importante fazer uma distinção, que não consta da FICHA DE DADOS, entre GARIMPOS DE BRANCOS E GARIMPOS INDÍGENAS.

Acrescente-se, para maior entendimento, os seguintes itens:

- Tempo de existência do garimpo
- Minério Garimpado (ouro, diamante, cassiterita, etc.)
- Tipos de equipamento
- Aumento ou queda de produção (que pode indicar aumento da garimpagem e de garimpeiros, ou esgotamento e tendência a expandir-se para alguma parte)
 - Se o garimpo ocupa área reivindicada pelos índios
 - Se o garimpo está dentro da Área Interditada (caso p.ex. do Garimpo de Santa Rosa, próximo ao P.I. Erico, cf. Mapa anexo)
 - A incidência e disseminação de doenças na região
 - Distância dos garimpos para a maloca mais próxima, bem como para áreas de ocupação e circulação indígena
 - Danos ao meio-ambiente: devastação da cobertura florestal, caça predatória, utilização de mercúrio, etc.

6) LEVANTAMENTO DAS CONDIÇÕES ECONÔMICAS VIGENTES

a) Meios de subsistência

A produção para subsistência está em volta de itens como caça, pesca, roça e coleta, com maior ou menor intensidade de acordo com a época e situação de contato vivida.

b) Atividade econômica desenvolvida

Para este ítem, de difícil aplicação numa sociedade indígena, e em especial, os Yanomami, recomenda-se entender "atividade econômica" como excedente de produção comercializado. Podem aparecer aí produtos mais tradicionais como a farinha, o artesanato e a piaçava, ou outros mais modernos, como o ouro, que só é produzido para comercialização.

c) Vocaçãõ Natural da Comunidade

Está sendo utilizada aí uma categoria -vocaçãõ - cuja imprecisão é grande até mesmo para os membros da sociedade nacional. O que é "vocaçãõ"? É aquilo que alguém tem talento para ser? Ou é aquilo que a conjuntura favorece alguém a ser? Como transpor um conceito individual para uma sociedade? E "natural"? O que vem a ser vocaçãõ natural? Existe vocaçãõ "não-natural", se assim se pode falar? Pode-se travar longa polêmica, agravada pela tentativa de aplicação a um grupo local específico que vive uma situação de contato específica de uma sociedade indígena muito pouco conhecida.

Para alguns a chave dessa questão está na sua articulação ao ítem seguinte (d) que fala em "possibilidade de desenvolvimento" ou "incentivos econômicos".

Neste caso, se considerarmos que a noção de atividade econômica tem o seu uso prejudicado entre os Yanomami por ser a sociedade voltada para atividades de subsistência fundamentalmente e só esporadicamente produzir algum excedente, a única "vocaçãõ" que se poderia atribuir aos Yanomami seria a de "atividade de subsistencia". Pode-se argumentar que a "vocaçãõ" que propiciaria "incentivos" à produção pode ser encontrada em alguns casos de grupos locais que garimpam, e então a "vocaçãõ" seria a garimpagem.

Aparentemente óbvio, esse raciocínio simplista deve ser esmiuçado. Alguns grupos locais garimpam, de fato, e dependem do ouro para aquisição de algumas mercadorias que se tornaram necessárias. Todavia, os grupos que garimpam não se ocupam tão somente da garimpagem, isto é, não são especialistas que maximizam a produção do ouro. Além de garimpar, aqueles índios que assim o fazem também estão ocupados com as atividades tradicionais de subsistência que envolvem uma complexa rede cultural articulada a seus ritos, festas e enfim a toda a formação da identidade Yanomami. A especialização (seja em garimpagem, seja em artesanato, seja na implantação de extensas roças de arroz mecanizadas) implica não só na desestruturação sócio-cultural, mas acaba por incapacitar o indivíduo na produção do suficiente para se manter e cumprir suas obrigações sociais.

Em Maturacá, por exemplo, onde muitos Yanomami passaram a garimpar de 4 anos para cá, tem ocorrido, cf. depoimentos de alguns líderes, casos de indivíduos que, tendo dedicado todo o seu tempo à garimpagem em locais distantes, abandonaram suas roças de toco, e

suas famílias acabaram por carecer da alimentação para subsistência, apesar do ouro guardado em casa (quando havia ouro, claro). Por essa razão, já há, entre eles próprios, a concordância de que a especialização pode trazer traumas.

Outrossim, é sempre bom lembrar que a garimpagem e a produção mineral como um todo, tem uma particularidade: só dá uma safra. A intensificação da produção, seja por garimpagem, seja por mecanização, pode levar à rápida exaustão de recursos minerais que, se utilizados de forma parcimoniosa podem garantir a autonomia dessa sociedade indígena por longo tempo.

e) Pretensão da Comunidade

Deve-se procurar ir além do levantamento de simples pretensões materiais, a que os indígenas estão acostumados receber dos brancos, e assim respondem essa questão da forma que acham que o branco espera que ele responda.

Há 3 pretensões básicas que fundamentam todas as interações índios-brancos e que podem ser observados em pesquisas de longo termo: **Terra, Saúde e Educação**. Sem as 3, adequadas às situações específicas, a própria possibilidade de sobrevivência física da sociedade fica ameaçada.

Há que se observar também, na análise das pretensões, se há algum risco envolvido, tanto para a própria comunidade quanto para outras. Um benefício tecnológico propiciado com a melhor das boas intenções, pode trazer problemas psíquicos e sócio-culturais de monta, como tem ocorrido frequentemente.

7) LEVANTAMENTO NO CAMPO DA SAÚDE

Neste item é interessante observar se há meios humanos e materiais indígenas existentes, e como a comunidade reagiria à possibilidade de preparo de monitores indígenas de saúde. Mesmo sendo positiva a preparação de indivíduos da própria comunidade para os trabalhos de saúde, há que se considerar que as noções de saúde e de doença são culturais podem variar, pois - e envolvem campos da vida religiosa e mágica dessas sociedades. Envolvem, pois, a prática de artes tradicionais de cura articulada à prática de pajelança, bastante comum entre os Yanomami.

É interessante anotar a presença ou não de "doenças novas" ou "doenças de brancos", que indicam sua proveniência do contato com a sociedade regional. No caso Yanomami encontram-se alguns casos bastante graves de doenças provenientes do contato com garimpeiros.

8) LEVANTAMENTO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Deve-se atentar, como no caso da saúde, para a presença de meios (humanos e materiais) indígenas existentes, se é ou não reivindicação da comunidade de professores do próprio grupo.

Uma pretensão bastante comum, recomendada por lingüistas e antropólogos, é a adoção do ensino bilingüe. Para tanto, é indispensável estudos lingüísticos e antropológicos prévios, de forma a não impor modelos educacionais inadequados à realidade da população.

9) LEVANTAMENTO DO SISTEMA DE EXPLORAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

a) Formas de Exploração

Este item especifica as atividades de subsistência (Roça, Pesca, Caça, Coleta).

b) Formas de Comercialização

Especificação, quando as houver, detalhando:

- a comercialização obedece a que necessidade?
 - alternativas a essa comercialização;
 - são enganados ou explorados na comercialização?
- Etc.

10) INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Os itens são de resposta simples, devendo a equipe convencionar alguns itens. Por exemplo, a primeira equipe de trabalho convencionou classificar no item (e) a textura do solo em arenoso, rochoso ou argiloso; quanto ao relevo, ondulado, montanhoso, plano.

Toototobi, 5 de fevereiro de 1988.

MARCO ANTONIO LAZARIN
(MIRAD - UFG)